Dia 13 — Santa Eufrásia, Virgem

Santa Eufrásia, mais ilustre ainda por sua eminente virtude que por sua esclarecida nobreza, nasceu em Constantinopla pelo fim do quarto século, sendo imperador Teodósio, o Grande, com quem estava aparentada. Seu pai, Antígono, governador da Lícia e da ordem senatorial, era o senhor mais estimado e mais virtuoso de Constantinopla; sua mãe, Eufrásia, sendo o exemplo de todas as senhoras cristãs, era ao mesmo tempo a que mais brilhava na corte.

Tendo oferecido a Deus sua filha Eufrásia, único fruto de seu matrimônio, convieram os dois de comum acordo em viver o restante de seus dias em continência, para dedicar-se à virtude com maior desembaraço.

O principal objeto das atenções da virtuosa mãe foi a educação de sua filha. Persuadida de que sua maior e mais essencial obrigação era criar aquela tenra menina no santo temor do Senhor, não aguardou que a idade lhe desanuviasse a razão para falar-lhe sempre de Deus; sendo esta sua contínua conversação desde que a menina pôde ouvi-la, embora não fosse capaz de entendê-la. O ordinário assunto das lições que lhe dava eram o temor de Deus, as verdades da religião, a salvação eterna, o horror ao pecado e o amor de Jesus Cristo; e a menina Eufrásia, que estava dotada de engenho vivo e de um excelente natural, soube aproveitar-se tão bem do que ouvia que, à idade de cinco anos, era já a admiração da corte, e olhavam-na todos como um pequeno prodígio.

Nesta tenra idade perdeu seu pai Antígono, que, tendo sido a edificação da corte e de todo o império por sua bondade natural e pela excelência de suas cristãs virtudes, foi receber a recompensa no céu, deixando coberta de luto a corte e o palácio e ficando inconsoláveis o imperador e a imperatriz por perda tão sensível. Tomaram suas majestades debaixo de sua imperial proteção a menina Eufrásia e encarregaram-se com singular gosto de sua tutela.

Era natural que a uma herdeira tão rica e de tão elevado nascimento não lhe faltassem pretendentes; e assim, embora contasse só cinco anos, declararam-se por tais os maiores senhores da corte. Querendo o imperador preferir um jovem senador, que também era muito rico, propô-lo a sua mãe, aconselhando-a que lhe prometesse sua filha. Admitiu a proposição aquela Senhora; firmaram-se os contratos e convieram em esperar que a menina tivesse a idade correspondente para desposar-se.

Mas, como a mesma mãe era celebrada pela maior formosura da corte, tão jovem que não passava de vinte e dois anos, da primeira qualidade e não menos rica que sua filha, era ainda mais pretendida que ela. Apuravam-na todos para que voltasse a casar-se, e até o mesmo imperador lho

aconselhava. Eufrásia, que mesmo durante o matrimônio havia feito voto de castidade, conheceu que era mister retirar-se da corte para pôr a coberto sua viuvez. Possuía no Egito vultosos bens e, com pretexto de visitá-los, empreendeu uma viagem àquela província, levando consigo sua filha; mas o verdadeiro motivo era buscar nela algum retiro onde pudesse dedicar-se unicamente a Deus o restante de sua vida.

Mal chegou ao Egito, todos os mosteiros vizinhos e os pobres da comarca experimentaram os efeitos de sua ardente caridade. Serviram-lhe suas grandes riquezas para fazer grandes esmolas; e todo o seu estudo foi aproveitar-se bem dos grandes exemplos de virtude que encontrou naqueles desertos.

Havia numa cidade do Egito um convento muito numeroso de religiosas que professavam perpétua clausura e uma vida muito estreita. Não comiam carne nem peixe; não bebiam vinho, nem mesmo usavam azeite; sustentavam-se de só legumes, não provavam fruta, dormiam na nua terra, comiam uma só vez ao dia e muitas passavam dois dias inteiros sem comer, fugindo todas de quanto podia ter visos de delicadeza ou de regalo.

Cativou a virtuosa viúva a extraordinária virtude daquelas santas virgens, sobretudo depois de haver feito experiências e tido provas concludentes de seu grande desinteresse; porque, desejando que lhes tocasse muita parte em suas vultosas esmolas, jamais pôde reduzi-las a que admitissem uma grande quantidade de dinheiro que lhes enviou, alegando elas constantemente que lhes bastava o trabalho de suas mãos para sustentar-se. O mais que pôde conseguir, e isso por comprazer-lhe, foi que aceitassem uma curta porção de azeite para a lâmpada e alguns perfumes aromáticos para queimar na igreja.

Como continuasse em fazer frequentes visitas àquela santa casa, um dia entrou nela com sua filha, à sazão de só sete anos. A prelada do convento, que não acabava de admirar a antecipada cordura e a extraordinária devoção da menina, perguntou-lhe por entretenimento a quem queria mais: às monjas ou ao cavaleiro a quem estava prometida? Respondeu a menina: Nem eu o conheço a ele, nem ele me conhece a mim; mas as monjas todas me conhecem e eu as conheço a todas, e também as quero a todas. Agora, acrescentou a santa, também quero eu fazer outra pergunta: e as monjas a quem querem mais, ao cavaleiro a quem estou prometida ou a mim? Sorriu a prelada e respondeu-lhe: Filha minha, a ti todas te queremos muito, e também te quer muito nosso Senhor Jesus Cristo. Pois também eu quero muito, replicou Eufrásia, a todas as monjas e a Jesus Cristo nosso Senhor. A santa mãe, que estava ouvindo a conversação de sua filha, cheia de gozo e mal podendo reprimir as lágrimas, disse-lhe dissimulando sua alegria: Vamos, filha, que já se faz tarde, e a madre abadessa tem que fazer. Aqui a menina: Vós, mãe, se vos quereis ir, podeis fazê-lo quando fordes servida; que eu, com vossa licença, quero ficar-me com estas monjas que me querem muito. Disse a prelada: Filha minha, é mister que te vás com tua senhora mãe; porque dentro do convento não pode ficar nenhuma que não esteja consagrada a Jesus Cristo.

E onde está Jesus Cristo?, perguntou a menina. Vês ali sua imagem, respondeu a prelada, mostrando-lhe um crucifixo. Correu a menina para ele; pôs-se de joelhos, abraçou-o ternamente e exclamou dizendo: Vós sois meu Senhor, eu me consagro a vós para sempre, doce Jesus meu; não sairei deste convento, porque não quero outro esposo que a vós. Assombrada a superiora, sem

acertar a conter a admiração nem as lágrimas, replicou-lhe: Filha minha, não te podes ficar conosco, porque não temos onde pôr-te. Isso não importa, madre, respondeu a fervorosa menina, eu estarei onde estão todas as demais. Não foi possível nem à superiora nem à mãe reduzi-la a outra coisa, e viram-se precisadas a deixá-la no convento esperando que logo se desgostaria daquela vida. Não obstante, ainda fez outra tentativa a prelada; disse-lhe, na presença de sua mãe, que, se queria ficar dentro da casa, era mister que aprendesse o saltério de memória, que jejuasse todos os dias e enfim que havia de carregar com todas as penitências e observâncias da regra. A tudo se ofereceu a menina Eufrásia com uma intrepidez e com um alento que pareceu coisa sobrenatural. A boa mãe, desfeita toda em lágrimas de consolo, abraçou-a com grande ternura, tomou-a pela mão, levou-a diante de um crucifixo e ela mesma ofereceu a Deus aquela inocente vítima que o mesmo Senhor havia escolhido; entregou-a depois à prelada e retirou-se a sua casa, desprendida já inteiramente de tudo o que é terreno e vivendo desde então unicamente para o céu.

Poucos dias depois recebeu a menina Eufrásia o hábito e véu de religiosa, sendo admiração das mais anciãs sua devoção, seu fervor e seu espirituoso alento. Nem se tardou muito tempo em recolher os frutos de tão extraordinária vocação.

A madre Eufrásia, excitada cada dia mais com o exemplo de sua santa filha, entregou-se com maior fervor que nunca ao exercício de todas as virtudes. Logo que viu sua filha consagrada a Deus, considerou que não tinha mais filhos que os pobres. O exercício contínuo de oração e a vida penitente que fazia, debilitando-lhe a saúde, adiantaram o prêmio de seus merecimentos. Disse-lhe um dia a prelada do mosteiro que havia visto seu marido Antígono rodeado de resplendores, que convidava sua esposa para que lhe fosse fazer companhia na glória. Desde aquele ponto dispôs-se para a morte redobrando seu fervor e, poucos dias depois, repleta de merecimentos, descansou no Senhor, sendo enterrada no mesmo convento; e a Igreja grega celebra sua memória, juntamente com a de Antígono, seu marido, no dia 11 de janeiro.

Logo que o imperador teve notícia de sua morte, fê-la saber ao jovem senador a quem estava prometida sua filha e ao mesmo tempo lhe fez também saber a profissão religiosa desta: o senador suplicou a sua majestade imperial que se dignasse escrever a Eufrásia, lembrando-lhe a palavra que sua mãe e parentes lhe haviam dado, e assim o fez. Mas a santa, logo que recebeu a carta do imperador, respondeu-lhe com estes precisos termos, sendo ela mesma a que escreveu a resposta:

Senhor Imperador:

V. M. aconselha a sua serva que prefira um homem mortal a Jesus Cristo, o qual se dignou escolher-me por esposa sua e me tem preparada uma felicidade eterna na mansão dos bem-aventurados. Não queira Deus que vossa humilíssima serva tenha jamais tão injusto e tão ímpio pensamento. Eu já sou de Jesus Cristo e não posso ser de outro algum; todo o meu desejo é que o mundo não se lembre mais de Eufrásia. Suplico humildemente a V. M. que mande distribuir aos pobres, aos órfãos e às igrejas todos os bens que meus pais me deixaram em Constantinopla e em seus arredores; que se dê liberdade a todos os escravos de minha casa e que se perdoe a meus administradores e rendeiros tudo quanto me devessem depois da morte de meus pais.

Enterneceu-se tanto o imperador com esta carta que a fez ler em senado pleno e mandou que se executasse exatíssimamente tudo o que a santa prevenia.

Se foi admirável seu desapego de todas as coisas do mundo, não foram menos assombrosos os progressos que fez no caminho da perfeição. Desde a idade de doze anos havia-se acostumado a comer uma só vez ao dia, e isso ao anoitecer; depois só tomava alimento de dois em dois e algumas vezes de três em três dias. A humilhação e a abnegação de si mesma não podiam subir mais de ponto. Não havia ofício tão baixo que não pretendesse com ânsia; nenhum tão vil em que não se empregasse com o maior gosto; e o que a visse no que se ocupava e no esmero com que o fazia creria sem dúvida que havia nascido escrava e que jamais se havia empregado em outra coisa.

Com tudo isso, aquela vida tão inocente e tão dura não a eximiu das mais molestas e das mais enfadonhas tentações; mas a sinceridade e a humildade com que as descobria e declarava aos que lhe tinham o lugar de Deus conduziu muito para que sempre saísse vitoriosa; e todos os artifícios do inimigo da salvação só serviram para fazê-la mais humilde, mais mortificada e para que adiantasse sua abstinência ao extremo de não comer mais que uma só vez cada semana, sem que por isso se debilitasse sua natureza, conservando-se tão vigorosa que, aos vinte anos, foi a mais robusta de todo o convento.

Por mais cuidado que punha em esquecer-se ela mesma e em fazer que as demais se esquecessem do que havia sido, considerando-se como a última de toda a casa e desejando que todas a tratassem como tal, com tudo isso fazia todas as coisas, mesmo as mais baixas, com uma espécie de natural dignidade, que não era possível deixar de conhecer que havia nascido princesa.

O extraordinário mérito da jovem Eufrásia e a singular estima que todas lhe tributavam excitaram, como ordinariamente sucede, os zelos e as invejinhas de outras religiosas de mais humilde nascimento e de não tanta virtude. A que mais se manifestou entre todas foi certa monja imperfeita chamada Germânia, que tratou nossa santa de hipócrita e embusteira, dizendo que todos os seus atos de humildade e todas as suas penitências eram pura afetação, só por singularizar-se e para que algum dia a fizessem abadessa. Surpreendida a humilíssima virgem ao ouvir semelhante discurso, arrojou-se aos pés daquela inconsiderada religiosa e com a maior humildade pediu-lhe perdão, suplicando-lhe que rogasse a Deus por ela.

Deu logo a conhecer o Senhor quão grata lhe havia sido a paciência e a humildade de sua fiel serva pelas graças extraordinárias e pelo dom dos milagres com que a favoreceu. Mas não possuiu por muito tempo a terra este precioso tesouro. Acabou logo Eufrásia uma vida tão santa com uma preciosíssima morte. Sucedeu esta no dia 13 de março pelos anos de 410, tendo trinta de idade e tendo passado os vinte e três no convento.

Missa (oração)

A missa em honra de nossa santa é do comum das virgens, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster: ut sicut de beatæ Euphrasiæ virginis tuæ festivitate gaudemus: ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que sois nossa salvação, ouvi benignamente nossas orações, para que, assim como celebramos com gozo a festividade de vossa bem-aventurada virgem Eufrásia, assim também recebamos o afeto de uma devoção verdadeira. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Colossenses, capítulo 3. [^1]

Colossenses 3,12-16

> **Latim:** 12 Induite vos ergo, sicut electi Dei, sancti, et dilecti, viscera misericordiæ, benignitatem, humilitatem, modestiam, patientiam : 13 supportantes invicem, et donantes vobismetipsis si quis adversus aliquem habet querelam : sicut et Dominus donavit vobis, ita et vos. 14 Super omnia autem hæc, caritatem habete, quod est vinculum perfectionis : 15 et pax Christi exsultet in cordibus vestris, in qua et vocati estis in uno corpore : et grati estote. 16 Verbum Christi habitet in vobis abundanter, in omni sapientia, docentes, et commonentes vosmetipsos, psalmis, hymnis, et canticis spiritualibus, in gratia cantantes in cordibus vestris Deo.

Português: 12 Vós pois como escolhidos de Deos, santos, e amados, revesti-vos de entranhas de misericordia, de benignidade, de humildade, de modestia, de paciencia: 13 soffrendo-vos huns aos outros, e perdoando-vos mutuamente, se algum tem razão de queixa contra o outro: assim como ainda o Senhor vos perdoou a vós, assim tambem vós. 14 Mas sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que he o vínculo da perfeição: 15 e triumfe em vossos corações a paz de Christo, na qual tambem fostes chamados n'hum mesmo corpo: e sede agradecidos. 16 A palavra de Christo more em vós-outros abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos, e admoestando-vos huns aos outros com salmos, hymnos, e canticos espirituales, cantando com a graça do fundo dos vossos corações louvores a Deos.

Nota

«Haviam sido convertidos à fé os colossenses por Epafras, seu primeiro bispo, que se achava à sazão preso em Roma com o apóstolo São Paulo. Sabedor este de que alguns falsos apóstolos lhes ensinavam uma má doutrina, querendo introduzir os erros de alguns judeus tocante aos anjos, a quem faziam autores da natureza e superiores a Jesus Cristo, e contando ao Deus dos judeus por um deles, escreveu-lhes de Roma esta epístola, tanto para desenganá-los como para dar-lhes armas contra aqueles embusteiros. Escreveu-a no ano 62 de nosso Senhor Jesus Cristo.»

Reflexões

A caridade, a doçura, a humildade e a paciência foram sempre o caráter dos escolhidos de Deus: *Induite vos sicut electi Dei, sancti, et dilecti, viscera misericordiæ, benignitatem, humilitatem, modestiam, patientiam.* O sinal por onde o mundo conhecerá que sois meus discípulos, diz o Salvador, será se vos amardes uns aos outros. Aprendei de mim, diz em outra parte, que sou manso e humilde de coração. Não dá o apóstolo outra lição aos fiéis; sobretudo quer que a caridade, que é o vínculo da perfeição, reine em seus corações e que desterre deles todo resquício de divisão e de ressentimento; que, pois todos professam uma mesma lei, pois a todos anima um mesmo espírito, pois todos seguem uma mesma doutrina, pois todos veneram um mesmo Evangelho, pratiquem todos pouco mais ou menos umas mesmas virtudes. Por estes sinais, por este retrato, conhecer-se-ão hoje os verdadeiros fiéis? Segundo Jesus Cristo, a caridade recíproca, a caridade benéfica é o distintivo dos escolhidos de Deus; mas na verdade é ela também nosso distintivo? Os zelos, as invejas, o ódio, a divisão reinam quase em todos os corações. Nem a afinidade, nem o enlace, nem o mais estreito parentesco bastam para produzir uma verdadeira amizade; esta é forasteira, é peregrina em todo o mundo; é milagre se encontra asilo em algumas poucas famílias: e poder-se-á dizer que a paz de Jesus Cristo triunfa em nossos corações? *Et pax Christi exultet in cordibus vestris?* O interesse, a ambição e a cobiça introduzem em tudo a inquietação e a confusão. As paixões são os únicos oráculos que se consultam e os únicos donos a quem se obedece.

Não parece senão que a desordem adquiriu direito de prescrição, segundo estendeu seu domínio e segundo quão pacificamente reina. Com tudo isso a religião nunca se muda; o Evangelho, que deve regular nossos costumes, sempre é o mesmo. A Igreja não nos dá hoje outras lições que as que dava São Paulo aos colossenses. A mesma lei, os mesmos mandamentos e a mesma doutrina: mas poderemos acrescentar com verdade: os mesmos fiéis, os mesmos cristãos, a mesma inocência de costumes?

Verbum Christi habitet in vobis abundanter: habite em vós abundantemente e muito de assento a palavra de Deus. E bem: logra em nós a palavra de Deus esta plenitude permanente? É certo que se lê, que se prega, que se ouve; mas obedece-se? Ela converteu em outro tempo todo o universo; mas hoje reforma muitas famílias? Apesar disso não tem menos virtude por si mesma nestes últimos tempos da que teve nos primeiros séculos. Este grão celestial não bastardeou; mas o terreno está feito um baldio, as paixões o ressecam; não está cultivado, não sabe produzir mais que espinhos e abrolhos; os passageiros o pisam e as ocupações temporais o endurecem. Miremos

com os olhos da alma o retrato que faz São Paulo dos cristãos de seu tempo. Que diferença, bom Deus, entre fiéis e fiéis, vivendo todos sob uma mesma regra e uma mesma fé! E em meio de tão enorme desproporção vive-se tranquilamente! Os cristãos se alegram e se divertem! Pois quem causa em nós esta segurança?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 8 de São João.

João 8,23-26

> **Latim:** 23 Et dicebat eis : Vos de deorsum estis, ego de supernis sum. Vos de mundo hoc estis, ego non sum de hoc mundo. 24 Dixi ergo vobis quia moriemini in peccatis vestris : si enim non credideritis quia ego sum, moriemini in peccato vestro. 25 Dicebant ergo ei : Tu quis es ? Dixit eis Jesus : Principium, qui et loquor vobis. 26 Multa habeo de vobis loqui, et judicare ; sed qui me misit, verax est ; et ego quæ audivi ab eo, hæc loquor in mundo.

Português: 23 Mas Jesus lhes respondia: Vós sois cá debaixo, e eu sou lá de riba. Vós sois d'este mundo, eu não sou d'este mundo. 24 Por isso eu vos disse, que morrereis nos vossos peccados: porque se não crerdes em quem eu sou, morrereis no vosso peccado. 25 Perguntárão-lhe pois elles: Quem és tu? Respondeo-lhes Jesus: Eu sou o principio, o mesmo que vos fallo. 26 Muitas cousas são as que tenho que vos dizer, e de que vos condennar: mas o que me enviou, he verdadeiro: e eu o que digo no mundo, he o que d'elle aprendi.

Meditação

Da impenitência final

Primeiro ponto

Considera que viver em pecado é a mais funesta desgraça; mas morrer em pecado é o cúmulo de todas as desditas.

O pecado sem a morte é um grande mal; é, falando propriamente, o único mal que há que temer; mas este mal não exclui a esperança de todo bem, antes pode servir de matéria às mais excelentes virtudes; pode ser, como efetivamente o tem sido em muitos grandes santos, assunto e ocasião da mais admirável penitência. Mas o maior, o supremo mal é o pecado com a morte: o

pecado que imprime na morte o caráter de sua malícia; a morte que estampa o último selo na impenitência do pecador. O pecado faz a morte funesta para sempre. Que consequência tão terrível! A morte faz para sempre irremissível o pecado. Que sorte tão triste, tão espantosa!

A morte em pecado apaga todo raio de esperança. Já não há mais graça que pedir, já não há mais céu que esperar, já não há Salvador aonde acudir, já não há misericórdia que aguardar. A ternura de mãe em Maria para com os pecadores, a compaixão da Igreja para com seus filhos, o preço infinito do sangue de Jesus Cristo, tudo se acaba, tudo cessa, tudo se perdeu para o pecador pela morte em pecado. A impenitência final o desterra para sempre da companhia do povo de Deus e borra seu nome do livro da vida. Pela morte em pecado a justiça divina imprime um caráter indelével de reprovação naquela alma infeliz; os demônios são seu povo, o inferno sua habitação para sempre, o fogo e os tormentos são sua herança, a raiva e a desesperação sua paixão dominante, a condenação sua sorte e seu destino. Impenitência final, funesta morte em pecado, que espantosa és! E esta é a sorte de quase todos os que vivem em delícias, desses dissolutos atordoados, desses grandes do mundo tão pouco cristãos, dessas mulheres sem religião, desses pecadores que dilatam para a morte sua conversão e sua penitência. Morrer em desgraça do príncipe, no pó, no abandono; morrer na tristeza, nas dores, cheio de infâmia, grande mal é; mas não é mal sem remédio nem destituído de consolo, enquanto não concorram juntas a morte e o pecado. Mas a morte no pecado, a morte com o pecado, a morte, como sucede muitas vezes, por efeito do pecado; busca, imagina, se podes, desconsolo maior, desdita mais espantosa. E teme-se hoje muito, ó doce Jesus meu, teme-se hoje muito esta espantosa desdita?

Segundo ponto

Considera que desde o mesmo ponto em que se morre em pecado todo o mal que se tem feito começa a ser eterno em seu castigo e em sua malícia; e todo o bem que se tem executado, desde aquele momento começa a ser esquecido e perdido.

Ações honradas, serviços feitos, bizarrias, atenções, atos de religião (porque afinal não é um ateu), jejuns, orações, obras boas, nobreza, distinção, talentos, mérito; tudo morre, tudo se aniquila no pecador que morre impenitente. Fechou-se para ele o tesouro das misericórdias, cegou-se o manancial das graças. Jesus Cristo esquece, digamo-lo assim, a qualidade e o nome de Pai, de Salvador, de Rei, para exercer eternamente a severidade de Juiz, de Deus irritado, de Deus colérico. E quem, Senhor, pode resistir ao justo temor de vossa cólera acesa, de vossa vingança infinita? Quem o pode? Um prodigioso número de pecadores que vivem na culpa e morrerão na impenitência; eu mesmo, que faço estas terríveis reflexões, se sou tão infeliz que chegue a morrer em pecado.

E como não morrerá em pecado o que dilata a penitência para a hora da morte? Quem vive em pecado, por regra geral, morrerá nele; porque rara vez deixa a morte de ser semelhante à vida. Morre o pecador, mas não morre o pecado.

Meu Deus, quantas almas trabalham em sua mesma reprovação! A morte em pecado põe fim, aperfeiçoa esta funestíssima obra. Cheio está o mundo destes desditosos artífices; não há estado,

não há condição que não tenha muitos; esta arte a sabem com eminência os grandes do mundo; os felizes do século não têm outra sorte. Desengane-se o amor-próprio de que a vida delicada, a vida ociosa, a vida regalona não pode ser vida inocente. Até as pessoas mesmas consagradas a Deus, que desonram a santidade de seu estado pela relaxação de seus costumes, não vivem também em pecado? E aquelas almas domesticadas com a culpa e que envelhecem nela, morrerão porventura em graça? A consciência cria calos, o coração endurece-se e Deus toma vingança; espantoso, mas justo castigo da divina justiça.

Na verdade não são muitos os que morrem de repente, mas poucas mortes há que não sejam subitâneas e imprevistas. E, quando não se fez penitência em vida, far-se-á ou achar-se-á um em estado de fazê-la à hora da morte? Nunca apetece o homem com maior ardor os objetos de sua concupiscência que quando estão para escapar-lhe, ou quando uma força superior lhos arranca, ou o arranca a ele de sua posse na hora da morte. A penitência que se faz nesta hora é penitência forçada, é penitência natural e puramente humana: conta, pois, com a penitência que se faz à hora da morte! Fia-te nela!

Senhor, e vive-se tranquilamente no pecado! E passam-se alegremente os dias estando a alma manchada com culpa grave! Que, meu Deus, pode haver outro objeto que me faça força? Pode haver alguma outra desgraça que me espante? E é possível que se passe hora nem instante no dia em que não vos peça a graça de não morrer em pecado? Ah, meu Deus, quem mais que eu pode temer esta impenitência final? Desde este mesmo ponto dou princípio a minha penitência; e espero, doce Jesus meu, que me dareis graça para que possa fazê-la antes de morrer.

Jaculatórias

> *Juxta est dies perditionis, et adesse festinant tempora.* Dt 32.

Ah, Senhor, o tempo da vingança se apressa, e não está distante aquele funesto dia em que o pecador morre impenitente: quem me alenta?

> *Vivens, vivens ipse confitebitur tibi, sicut et ego hodie.* Is 38.

Não, Senhor, não cantarão vossos louvores os que morrem em pecado, mas os que vivem e os que, como eu, começam desde este mesmo dia a servir-vos, a amar-vos e a glorificar-vos.

Propósitos

1. Queres evitar a desdita da impenitência final? Pois faze penitência em vida e não a dilates para a hora da morte. É tempo de converter-se nem de reformar-se quando se vai deixar de viver? É tempo de começar a ser homem regrado quando quase se começa a não ser homem? É tempo enfim de fazer penitência quando se vai morrer? Será então Deus o objeto e o motivo daqueles espantos, daqueles arrependimentos, daquelas lágrimas que o puro temor dos tormentos eternos e a terrível vista do perigo arrancam dos corações mais endurecidos e menos penitentes? Que desgraça a tua, nem que maior sinal de tua eterna reprovação, se depois de haver lido tudo isto ainda dilatas para a hora da morte tua conversão e tua penitência! Judas reconheceu sua culpa à hora da morte; Antíoco chorava, prometia, desfazia-se de dor naquela última hora, e ambos morreram impenitentes. Ou tens necessidade de converter-te ou ao menos de reformar-te. Pois não te contentes com concluir que é mister reformar-te ou converter-te: não seria esta a primeira vez que concluíste o mesmo: consequências ineficazes, consequências ilusórias; em matéria de conversão e de reforma, a verdadeira consequência que se deve tirar é a prática pronta e efetiva. Dá princípio desde logo prostrando-te aos pés de um crucifixo; e ali, com a memória de tuas desordens e de tua relaxação, tem um vivo pesar de teus desacertos passados e dize a Deus na amargura de teu coração:

Senhor, que não quereis a morte do pecador, mas que se converta e viva [^2], fazei que este seja o dia de minha perfeita conversão, da reforma de meus costumes e de minha verdadeira penitência. Dou princípio a uma e a outra por vossa misericórdia. Cheio de confiança nos méritos de meu Senhor Jesus Cristo e na intercessão da santíssima Virgem, espero que me livrareis da desdita de morrer impenitente.

2. Não basta orar, é mister obrar. Se tens necessidade de fazer uma confissão geral e extraordinária, vai sem a menor detença declarar tua necessidade e tua resolução ao confessor que houveres escolhido. Começa desde logo a reformar-te, cerceando certa superfluidade no vestido, certo excesso de delicadeza, arrojando ao fogo certos livros, arrancando das paredes certas pinturas, tomando certos modos graves e modestos, praticando certas devoções, certa regularidade em que ligeiramente te tens dispensado. Faze neste mesmo dia alguma penitência ou mortificação corporal, alguma obra de misericórdia, alguma esmola. Ninguém se lembra dos pobres encarcerados, e eles não podem vir representar-te suas necessidades e suas misérias. O mesmo se pode dizer de certas famílias honradas, cuja pobreza é tanto mais cruel quanto é mais muda. Estes princípios de conversão e de reforma são como arras e como prendas de uma perseverança cristã, que desviam o perigo de morrer em pecado. Quando chegar a tua notícia algum acidente funesto ou a morte de algum conhecido teu, tem cuidado de dizer a ti mesmo: Não há desgraça que não tenha remédio senão a de morrer em pecado mortal.

São Leandro, Arcebispo de Sevilha, Confessor

O glorioso e célebre doutor de nossa Espanha, São Leandro, foi natural de Cartagena e filho de Severiano, governador desta cidade, e de Turtura, sua consorte, ambos de ilustríssima linhagem e de notória virtude. Tiveram estes ditosíssimos pais a singular graça de dar ao céu quatro filhos que foram o ornamento de sua pátria e a honra da nação. Foi o primeiro nosso São Leandro, e como tal mereceu os primeiros cuidados de seus pais para dar-lhe uma educação correspondente a seu alto nascimento e à sólida piedade que tanto os ilustrava. Mas a bela índole e a natural docilidade que desde logo advertiram em seu filho deixaram-lhes pouco que fazer para formar um coração que já se achava prevenido com as bênçãos da graça. Instruíram-no com cuidado nos princípios da religião, acompanhando estas lições com o exemplo de sua inculpável vida; e, como não tinha motivo para aprender outra coisa que o que ouvia e via praticar a seus virtuosos pais, fez-se como natural em Leandro a inclinação à virtude e o estudo e meditação das verdades eternas. A doçura de seus modos, a gravidade do semblante e a indiferença com que, mesmo sendo menino, olhava os pueris entretenimentos, ao mesmo passo que lhe conciliavam o carinho de quantos o conheciam e tratavam, faziam que se concebessem dele as mais bem fundadas esperanças de que havia de ser um homem singular e de grande utilidade para a Igreja.

Aplicaram-no depois seus pais ao estudo das primeiras letras, pondo ao mesmo tempo o maior cuidado em sua educação e criação; e, como no que ensinavam a seu filho iam adiante com seu exemplo, viram-se logo os maravilhosos efeitos no brando coração e ingênua docilidade de que Deus o havia dotado. Admiravam-se mais os pais quando viam que, longe de entregar-se aos pueris entretenimentos tão próprios da idade, buscava sempre a solidão e o retiro para entregar-se todo a seus livros e a exercícios piedosos. Passava sua juventude procurando fugir sempre da companhia de outros jovens dissolutos e buscando só a de homens sábios, especialmente eclesiásticos, a quem tinha singular inclinação e de cujo trato esperava tirar os frutos correspondentes a sua inclinação, que era a de radicar-se mais e mais no conhecimento das verdades católicas. Resultou-lhe daqui o fazer-se companheiro em todas as aflições que naquele tempo padeceram na Espanha os católicos por causa do muito dominante que estava a seita de Ário nestes reinos, protegida com a autoridade dos reis, a cujo exemplo se aumentava incrivelmente o contágio e se diminuía o partido dos verdadeiros crentes.

Sentia Leandro o lastimoso estado da fé; e, não podendo por então pôr o remédio conveniente a tanto mal, tratou de apartar a vista ao menos, por não ver-se submergido em tanta pena. Causava já tédio a sua alma a vida e, desejoso de maior quietude, determinou fazer-se religioso. Não tiveram efeito seus desejos enquanto esteve em Cartagena com seus pais, seja porque sentiam eles carecer de sua presença, seja porque dispunha Deus que também Leandro padecesse adversidades, para que lhe fosse mais fácil aborrecer o mundo e anelasse com maior viveza pelo caminho do céu. Isto experimentou no infausto golpe que sofreu sua casa quando, pela perseguição dos arianos, perderam seus pais a dignidade e fazenda, saindo desterrados com seus filhos à cidade de Sevilha. Portou-se o santo com indizível prudência, não só com seus anciãos e virtuosos pais, mas com todos os seus irmãos, animando-os e consolando-os para que sofressem este golpe com toda resignação e constância por uma causa tão gloriosa como o era a perseguição pela fé; e com tão salutares conselhos toleraram todos gostosos as tribulações e ofereceram-nas à Majestade divina com regozijo de suas almas.

Logo que chegaram a Sevilha, manifestou Leandro suas prendas e ganhou de tal sorte as vontades, por sua afabilidade, modéstia e gravidade de seu semblante, que todos o ouviam com gosto e anelavam a porfia por sua comunicação, fazendo-se panegiristas de suas nobres qualidades. Vendo-se já Leandro dono das vontades, deu princípio à conversão das almas, detestando os erros de Ário, tanto em públicas como em privadas conversações, com o que logrou aficionar a muitos à fé católica; e sem dúvida teria convertido toda a cidade se não o houvesse estorvado o natural temor de desagradar aos reis, que eram da profissão ariana; mas se conhecia que o ia Deus proporcionando para isso, pois até os mesmos hereges não só o escutavam gostosos, mas o buscavam famintos de suas doces conversações.

Determinando cumprir seus primeiros desejos de fazer-se religioso, entrou num mosteiro, que foi a oficina onde se fez consumado em todas as letras, para empregá-las depois no serviço de Deus e em defender as verdades da fé. Com esta ocasião, encarregou o cuidado e educação de Isidoro, seu irmão menor, a sua irmã Florentina e depois ao arcebispo de Sevilha, o qual, como amava muito a São Leandro, deu-lhe nisto provas de seu carinho, suprindo assim o magistério de seus irmãos.

Gostoso Leandro com sua nova vida, aplicou-se com maior esmero a todos os exercícios de virtude, com singular consolo de sua alma. Ordenado sacerdote, aplicou-se mais ao estudo das divinas letras e à prática de todas as virtudes próprias de seu estado; de sorte que era o espelho em que se miravam todos os religiosos, tanto no austero e retirado como no humilde e sábio.

Por este conjunto de prendas tão sobressalentes viram-se como precisados os monges, de comum consentimento, a elegê-lo por abade de seu mosteiro, cargo que admitiu com muita repugnância e que desempenhou com exemplo de todos, sendo o primeiro até nos exercícios mais penosos e humildes do mosteiro. Mas Deus, que o havia eleito para que fosse tocha resplandecente de sua Igreja, dispôs que, tendo falecido Davi, arcebispo de Sevilha, fixassem todos sua atenção no santo abade Leandro; e assim, de comum consentimento de clero e povo, foi aclamado por pastor daquela igreja, embora com incrível mortificação de sua verdadeira humildade.

Posto Leandro qual brilhante tocha sobre o candelabro da Igreja, empreendeu com tanto ardor e eficácia o ofício da pregação que muitos, por suas persuasões, deixavam sua enganosa seita e professavam as verdades da católica doutrina. Empregou também seu zelo pastoral na reforma de seu clero e em restabelecer os bons costumes. Havia muita diversidade nas igrejas acerca do ofício divino, e tomou a seu cargo reformá-lo, reduzindo-o a uma mesma forma na Espanha; e, embora isto não pudesse conseguir-se inteiramente até o tempo de Santo Isidoro, serviu de muito seu trabalho, porque acrescentou alguns hinos, salmos e orações e outros ritos eclesiásticos; ordenou algumas coisas novas e expurgou do dito ofício muitas cerimônias antigas. Foi também muito zeloso em propagar a ordem de São Bento, gastando grossas quantias em fundar conventos desta ordem. A sua irmã Florentina enviou a regra e modo de viver que formou sobre a daquele santo patriarca, com algumas modificações e restrições que lhe pareceram convir ao regular do estado e à oportunidade dos tempos. Enviou-lhe também aquele precioso livro que compôs do desprezo do mundo, para confirmá-la em sua vocação e alentá-la a dar graças ao Senhor pelo benefício de havê-la tirado dos perigos do mundo. Estes foram os princípios de seu pontificado.

Mas, vendo que por seu ofício estava em maior obrigação de pôr toda diligência em propagar a fé e que para isso era indispensável ganhar primeiro o rei Leovigildo, que era declarado inimigo da doutrina católica, afligiu-se sobremaneira, por considerar que lhe faltava o meio mais poderoso. Mas logo respirou um pouco seu coração com o casamento de seu sobrinho o príncipe Hermenegildo, em quem tinha fundadas esperanças de que, se chegava a reinar, se havia de lograr por meio dele a conversão de todo o reino. Tinha-o já tratado e conhecido o santo tio e bem instruído nos dogmas da santa fé e, com este motivo, reconveio-o de novo sobre sua conversão com bastante eficácia; e, juntando-se a isto os bons ofícios da princesa sua esposa, conseguiu-se que o príncipe se fizesse católico e protetor e caudilho deles para resistir à tirania do ariano Leovigildo. Esta inesperada novidade causou um gozo indizível a São Leandro, que a considerava como primícia de sua pregação apostólica, e com este princípio prometia-se lograr o mesmo em toda a Espanha. Declarada, pois, a guerra entre o príncipe e os católicos por uma parte e Leovigildo e os arianos por outra, partiu São Leandro a Constantinopla com o caráter de embaixador, pela causa da fé que sustentava Hermenegildo.

Esta embaixada foi a causa do conhecimento e estreita familiaridade que travou com São Gregório, o Grande, que à sazão se achava naquela corte por ordem do sumo pontífice para os negócios da santa Sé. Fizeram as prendas de São Leandro tanta impressão no ânimo do santo legado que desde então se ligou com ele com a mais estreita amizade, da qual foram provas as inauditas demonstrações que fez com ele, não só agora, mas quando ascendeu depois ao sumo pontificado. Conferenciaram os dois muitas vezes sobre os pontos árduos da fé católica, ficando admirado São Gregório de ver a sublime e perspicaz inteligência do santo arcebispo nas divinas escrituras, a facúndia e erudição de suas palavras e a viveza de seus conceitos. Um testemunho do apreço e do grande crédito que lhe mereceu Leandro foi o dedicar-se a instância sua a escrever os livros dos *Morais*, que compôs segundo suas regras e, acabados, remeteu-os à Espanha, sujeitando-os a sua censura, dedicando-os a seu nome e protestando que não eram dignos nem correspondentes a sua muita sabedoria.

Voltou Leandro a Sevilha, que já chorava sua ausência pela fatal guerra com que Leovigildo a tinha amedrontada; e, achando que estava preso o santo príncipe Hermenegildo, escreveu-lhe algumas cartas para mantê-lo constante na fé que lhe havia pregado e para que não temesse perder um reino caduco e uma vida perecível, pois a perdas semelhantes estavam vinculados maiores e mais duradouros ganhos. Grande consolo recebeu o santo príncipe com estas cartas, as quais lograram tão bom efeito que nem as ameaças, nem os maus-tratos, nem a prisão rigorosa, nem mesmo a própria morte dobraram sua invencível fortaleza.

Temendo Leovigildo que se aumentasse o partido dos católicos com prejuízo de sua seita, dispôs que se fizesse em Toledo um concílio de bispos arianos, a fim de remediar este dano e tomar as precauções convenientes. Neste conciliábulo, persuadido o rei de que o amparo e doutrina dos bispos católicos eram a causa de que o príncipe houvesse tomado as armas contra seu pai e feito tão vigorosa resistência, louco de cólera e precipitado de sua mesma fúria, fulminou decreto de privação de suas dignidades e de desterro contra os bispos e quaisquer outros que pudessem ter alguma cumplicidade no assunto. Tocava imediatamente esta ordem a São Leandro, como ao que era a causa principal da conversão do príncipe; e em seu cumprimento retirou-se de sua igreja o santo arcebispo, e nela pôs o rei um bispo ariano, como o fez também nos demais povos. Não se

sabe o lugar de seu desterro; mas se crê que fosse algum dos mosteiros de seu instituto.

Não desmaiou o santo com esta tribulação; mas esforçou-se mais seu ardente zelo em prosseguir a causa do catolicismo, continuando seus bons ofícios com o príncipe até que soube sua ditosa morte. Grande foi seu sentimento, pelo muito que o amava; mas foi ao mesmo tempo indizível o júbilo de sua alma, considerando a esforçada resolução de seu sobrinho em haver rubricado com seu sangue as verdades da fé e o benefício que daqui resultava à Igreja; pois este martírio estabelecia no reino a religião verdadeira e, invencível já seu rei na glória, seria protetor de uma obra em cujos fundamentos havia sacrificado sua vida. As ocupações do santo em seu desterro foram escrever livros doutíssimos contra os arianos, convencendo neles a falsidade de seus dogmas e demonstrando a verdade da católica doutrina. Escreveu também outro tratado contra um Vicente, bispo de Saragoça, que havia declinado da pureza da fé e se havia feito ariano; censurava-lhe nele sua resolução, respondia com muita solidez a suas especiosas razões e exortava-o a que desse uma pública satisfação de seus erros e escândalos. O tempo que não ocupava em escrever gastava-o em orações e penitências, clamando ao Senhor que se dignasse atender ao lastimoso estado em que gemia sua Igreja na Espanha; a este fim se dirigiam todas as suas disputas, orações, jejuns, penitências, desterros e perseguições.

Passada tão cruel tormenta, veio logo a desejada serenidade. Adoeceu de morte Leovigildo e, como neste lance se veem as coisas do mundo em sua verdadeira luz, viu e conheceu seus erros o rei e manifestou profundo pesar de suas más obras. Mandou chamar o príncipe Recaredo, seu filho, e mandou-lhe que logo, sem dilação, levantasse o desterro a seu tio, o santo arcebispo, e a todos os católicos, para que voltassem a suas igrejas; acrescentando-lhe que estivesse em tudo sujeito à direção de São Leandro; que lhe suplicasse em seu nome continuasse em dar-lhe a ele os mesmos documentos que havia dado a Hermenegildo e que em tudo lhe obedecesse, se queria ser feliz em seu reinado.

Indizível foi o gozo de Leandro com esta maravilhosa mudança da destra do Todo-Poderoso. Restituiu-se a sua igreja e continuou em dar a suas ovelhas o pasto de que haviam carecido tanto tempo. Aplicou-se a cumprir o ordenado pelo rei acerca de Recaredo, com quem comunicou tudo o pertencente ao bom governo e à consolidação de seus estados; e, conhecendo por estas primeiras conversações que estava bem disposto o coração do rei para receber sua doutrina, falou-lhe nestes termos: «Sobrinho e Senhor: a união dos vassalos na religião católica é o único meio para estabelecer e conservar a monarquia. Mas para isto convém que se deem logo prontas providências para a celebração de um concílio a que devam concorrer as principais pessoas de ambos os estados, eclesiástico e secular, para confessar em nome de todo o reino a santa fé católica e abjurar publicamente a seita ariana. Com tão autorizada concorrência pôr-se-á freio a toda pessoa particular, e triunfará o catolicismo sendo amparado e seguido do rei.»

Ouviu gostoso o príncipe este arrazoado e deu ordem logo para que se congregasse o concílio, que foi o III de Toledo, com assistência de todos os grandes do reino e outras principais pessoas; sua presidência foi dada a São Leandro, como legado apostólico, segundo afirma o cardeal Barônio, por não haver entre os bispos da Espanha homem de maior recomendação nem mais eminente em santidade.

Chegou o dia da celebração do concílio, e com ele o maior gozo do santo prelado. O glorioso Recaredo fez aos padres uma humilde e reverente exortação; depois entregou por escrito a profissão de fé em nome seu e da rainha, e depois fizeram o mesmo os bispos arianos e todos os grandes do reino, manifestando um júbilo indizível por haver recebido a fé católica. Concluído este ato, pregou ao concílio São Leandro com palavras dignas de seu espírito, ponderando as vantagens que disso resultavam à Igreja e dando graças aos padres pela determinação tomada neste dia. Dia por certo felicíssimo para a Espanha, pois se publicou seu catolicismo com alegres e festivas aclamações e com universal alegria de toda a nação.

Arrumadas assim as coisas da Igreja, ordenou São Leandro que se desse notícia de tudo o sucedido ao sumo pontífice São Gregório; e assim, em nome do concílio e do rei católico, despacharam-se embaixadores a Roma, com muitos dons preciosos e trezentos vestidos para os pobres da igreja de São Pedro. Levaram também as atas do concílio com cartas de São Leandro, nas quais recomendava ao rei Recaredo, ponderando a sua Santidade o zelo e religião que havia manifestado no concílio. O santo pontífice recebeu os legados com indizível gozo, alegrando-se muitíssimo do impensado triunfo que havia conseguido a Igreja; e, para demonstrar melhor seu contentamento, escreveu ao rei Recaredo confirmando-o na fé recebida e honrando-o com um pedaço da cruz de Jesus Cristo, uns cabelos da cabeça de São João Batista e duas chaves tocadas ao corpo de São Pedro, engastada uma delas em porção de ferro das cadeias do apóstolo.

A seu íntimo amigo São Leandro escreveu também São Gregório com grandes expressões, dando-lhe graças por sua aplicação em benefício da Igreja, encomendando-lhe o rei Recaredo e dando-lhe salutares conselhos para que o fizesse perseverar na fé recebida; com cuja ocasião lhe enviou os livros da exposição de Jó, o pálio e a carta pastoral. Desembaraçado já o santo arcebispo dos graves negócios do concílio e bem instruído o rei Recaredo, voltou a sua santa igreja de Sevilha, onde publicou logo os decretos do concílio e exortou a todos a seu devido cumprimento com fervorosos e contínuos sermões; fazendo-os mais eficazes com seu zelo e solicitude em atender a todas as necessidades dos povos, aos quais socorria liberalmente para que não tivessem jamais motivo de retroceder na fé novamente recebida.

Restituída a paz à Igreja, que tantos suores e fadigas lhe havia custado, empregou-se de novo em dar salutares documentos a seus santos irmãos, escrevendo particularmente a São Fulgêncio várias instruções para seu consolo e encarregando-lhe o sumo cuidado que devia ter nas matérias da fé católica e no bom governo de sua freguesia. Praticou o mesmo com a santa abadessa Florentina, dando-lhe acertadas providências para o bom regime de suas religiosas e novos avisos e conselhos sobre a regra que anteriormente havia composto, animando-a à perseverança em seus santos propósitos.

Com o santíssimo pontífice Gregório foi nesta ocasião mais contínua sua correspondência, escrevendo-lhe repetidas cartas e consultando-lhe as dúvidas que ocorriam em sua igreja; pois, embora sua acertada prudência desse a todas a mais sábia e católica resolução, queria sempre o apoio e conselho da suprema cabeça da Igreja, como sempre se havia praticado. Entre outras consultou-lhe a questão célebre sobre a trina imersão do batismo, autorizada com vários lugares da santa escritura e santos padres. Na resposta se conhece muito bem o grande apreço que fazia São Gregório da pasmosa sabedoria de São Leandro; e, sendo também doutíssimo o santo

pontífice, os elogios que ele lhe dá são uma maior prova da grande opinião que merecia e de suas virtudes singularíssimas. Diz-lhe numa carta: «Beatíssimo irmão: tendo-te conhecido dias há na cidade de Constantinopla, onde eu estava ocupado em negócios da sé apostólica e a ti te conduziu a embaixada do rei visigodo pela causa da fé, dei-te a entender, e até disse, a pouca satisfação que tinha de mim. Então meus irmãos e tu me obrigastes com rogos e poderosas súplicas, como te lembrarás, a que expusesse o livro de Jó, manifestando-vos seus profundos mistérios segundo as forças de meu espírito; a qual exposição remeti à consideração e juízo de vossa beatitude, não porque a julgasse digna, mas porque, tendo-a tu pedido, lembro-me de que prometi esta palavra. Tudo quanto na dita exposição achar tua santidade tíbio e pouco culto, perdoará, pois sabe minha pouca saúde.» Em outra carta lhe fala assim: «Quando se leu vossa carta acharam-se presentes alguns varões bons e sábios, e no ponto ficaram interiormente comovidos. Só com ouvi-la ler vos punha cada um com amor em seu coração, pois lhe parecia não ouvir, mas ver a doçura do vosso; todos se acendiam, cada um se maravilhava, e no fogo dos ouvintes se conhecia o ardor do que escrevia.» Não creio que seja dável maior prova de carinho nem maior elogio da sabedoria e virtude de São Leandro que umas expressões semelhantes de um pontífice tão sábio como santo.

Em tão santa correspondência empregou São Leandro os últimos anos de sua vida; e, conhecendo que se lhe aproximava já o termo desejado, redobrou suas penitências e aumentou com maior cuidado todos os exercícios de virtude, dando salutares conselhos a seus próximos, socorrendo a seus pobres e praticando todas as virtudes; encarregando a todos, e com especialidade a seus santos irmãos, a defesa da santa fé católica, que havia sido o único objeto de seu zelo sobre a terra. Assaltou-o uma perigosa enfermidade; e, tendo recebido os santos sacramentos com a disposição que se deixa discorrer de sua apostólica vida, morreu em paz em Sevilha e foi sepultado seu santo cadáver na igreja de Santa Justa e Rufina, num panteão que ele mesmo havia construído e foi o depósito dos quatro santos irmãos. Foi sentidíssima sua morte por perder tão bom pastor e pai. Veneram-se hoje em Sevilha suas relíquias com singular devoção e consolo dos fiéis.

Martirológio Romano

Em Nicomédia, o trânsito dos santos mártires Macedônio, Patrícia, sua mulher, e Modesta, sua filha.

Em Niceia, os santos mártires Teusetas, Horres, seu filho, Teodora, Ninfodora, Marcos e Arábia, os quais todos, por confessar a Cristo, foram queimados.

Em Hermópolis, no Egito, São Sabino, mártir, o qual, depois de muitos tormentos, sendo submergido num rio, alcançou a palma de mártir.

Na Pérsia, Santa Cristina, virgem e mártir.

Em Córdova, os santos Rodrigo, presbítero, e Salomão, mártires.

Em Constantinopla, São Nicéforo, bispo, o qual, defendendo acérrimamente a tradição dos santos padres, fez frente a Leão Armênio, imperador iconoclasta, defendendo o culto das santas imagens; e assim foi desterrado por ele e, no desterro, ao cabo de catorze anos de um longo martírio, morreu no Senhor.

Em Camerino, Santo Ansovino, bispo e confessor.

Na Tebaida, a gloriosa morte de Santa Eufrásia, virgem.

Missa (oração)

A missa em honra do santo é a de doutores, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui arianam pravitatem doctrina sancti confessoris tui atque pontificis Leandri ex Hispania propulisti: da plebi tuæ, ut ejusdem meritis et precibus ab omni errorum et vitiorum labe semper libera conservetur: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que expulsastes da Espanha a depravação ariana com a doutrina de vosso santo confessor e pontífice Leandro, concedei a vosso povo que, por seus méritos e intercessão, se conserve sempre livre das trevas dos erros e das manchas dos vícios. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo, a mesma do dia 12.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum

> consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Reflexões

Com dificuldade se podem dar umas expressões mais patéticas e vivas que as que usa o apóstolo São Paulo para fazer entender a Timóteo as obrigações de um superior. Conjuro-te, diz, diante de Deus e de Jesus Cristo, o qual há de julgar os vivos e os mortos, por sua vinda e seu reino, que pregues a tempo e fora de tempo, oportuna e importunamente, que repreendas, supliques, exortes ensinando com toda a paciência. Estas instruções, embora estejam ditas principalmente pelo Apóstolo para um bispo, com tudo isso, diz o grande padre Santo Agostinho no livro 1 contra Crescônio, que se as devem apropriar os sacerdotes, os ministros e quantos têm responsabilidade pelas almas de seus irmãos. Por conseguinte, os pais de famílias, a quem Deus carregou de filhos e de criados, devem ter entendido que são responsáveis por suas almas e que, para sua boa direção, necessitam ruminar dia e noite as apostólicas sentenças.

Nada está demais no governo de uma família: a experiência tem acreditado muitas vezes que são diferentes os caminhos por onde se ganham para Deus os corações. Por isso o Apóstolo não diz que se exorte somente ou que somente se repreenda, mas propõe todos os meios que dita a prudência a um espírito possuído de humanidade e de amor a seus próximos. Um pai, uma mãe de famí[lia devem entender que as almas de seus filhos] e de seus criados as põe Deus em suas mãos; que os excessos que cometem correm por conta sua e Deus lhes há de fazer cargo deles; que a eles lhes convêm não menos que a Timóteo as palavras de São Paulo; e finalmente que nada é quanta ciência e instrução possam ter em ordem a fazer um papel honorífico no teatro do mundo se lhes falta a instrução que para governar bem sua família lhes dá São Paulo. Há casos em que o superior deve instruir os inferiores; outros em que os deve repreender, já com suavidade, já com aspereza; outros em que, atendidas as circunstâncias de um gênio delicado, temeroso e covarde, convirá mais bem o rogo, a insinuação e a súplica que a conminação e a dureza. O discernir estes

casos, o conhecimento dos meios, a eleição dos melhores e mais oportunos, a resolução, talento, moderação e arte para saber manejá-los, que atenção, que reflexão não requerem naqueles a quem a Providência constituiu na classe de superiores! Se este é teu estado, quanto não deves velar! E, se não o é, quanta lástima não deverás ter de teus superiores e quanto não deverás orar por eles!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus, o mesmo do dia 7.

Mateus 5,13-19

> **Latim:** 13 Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. 14 Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, 15 neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. 16 Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. 17 Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. 18 Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. 19 Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: 13 Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. 14 Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. 15 Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. 16 Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos ceos. 17 Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. 18 Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. 19 Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Sobre a responsabilidade pelos pecados alheios

Primeiro ponto

Considera o terrível que é o juízo de Deus; o Apóstolo o temia, apesar de estar seguro da integridade de sua consciência. Nada me remorde, dizia, mas nem por isso me tenho por justificado, porque é Deus quem me há de julgar. Terríveis palavras para todo cristão; mas terribilíssimas para aqueles que estão encarregados de responder pelos delitos alheios! Uma vida regrada e nada revolta com os negócios do século; a lei de Deus entendida em todo o seu rigor e pureza; os encargos diários bem distribuídos e bem desempenhados; a frequência de sacramentos e trato com pessoas virtuosas e devotas; mal tudo isto junto basta para dar tranquilidade a quem reflita muito as palavras de São Paulo. Ao fazer um exame escrupuloso de sua consciência, encontrará mil fendas por onde lhe entrou a vaidade, a complacência, a vã confiança, o ócio, a própria estima ou outros semelhantes defeitos que, como vermes, entram a roer-lhe o fruto de suas boas ações.

Pois que diremos se se estende a vista sobre as ocupações da vida passada? A mocidade cheia de manchas, de leviandades e de inconsiderações; o mais suculento e florido dos anos dedicado à ostentação, ao luxo, à ambição, aos encantos dos sentidos; a velhice submergida na avareza e na impenitência apresentam uma série de delitos que não bastam a expiá-los contínuas lágrimas. Pois agora, acrescenta, prelado, superior, juiz, pai de famílias, sacerdote, amo, tu que de qualquer maneira te fizeste diante de Deus responsável pelos delitos alheios, acrescenta aos teus próprios os de tantos como estão a teu cargo e de que se te há de tomar estreita conta. Acrescenta tantas almas perdidas por tua negligência ou descuido; por não repreender ou talvez por repreender demasiado; por não velar ou acaso por velar importunamente; por dar um conselho temerário ou talvez por não haver dado nenhum; por haver usado de demasiado rigor ou de excessiva condescendência; por tantos motivos quantos são os que podem causar a perdição das almas.

São João Crisóstomo estremecia com esta consideração. São Gregório, o Grande, a representa com tanta vivacidade e com palavras de tanta turbação e desconsolo que não é descaminhado o juízo do que atribuiu sua falta de saúde habitual à meditação contínua que o santo tinha de seu perigo. Estes heróis, estes santos que enchiam perfeitamente as obrigações de seu estado gemiam acovardados do temor. E eu, Deus meu, que mal lanço diariamente uma olhada sobre minha família e meus filhos; eu que tenho fiadas minhas mais sagradas obrigações a um homem venal que nada se interessa em cumpri-las mais que seus soldos; eu que vivo descuidado inteiramente da conduta de minha família, que ignoro em que se empregam meus filhos, meus criados e talvez minha mulher, como posso viver sabendo que hei de ser julgado! Que sentença posso esperar à vista de meu descuido, de minha inação e de minha desídia! Se meus delitos pessoais bastariam e até sobrariam para fazer muito duvidosa minha salvação, que será quando sobre os meus carregue o peso de tantos como tenho sobre minha consciência!

Segundo ponto

Considera que o peso dos pecados alheios é tão duro e insuportável que o contemplar sua gravidade, em sentença de muitos sábios, fez a nosso Redentor Jesus Cristo suar grande cópia de sangue. Deus, por outra parte, é tão zeloso das almas, depois que lhe custou tanto o redimi-las, que é para causar grande temor a qualquer que está encarregado delas. No livro 3 dos Reis, capítulo 20, encarregou Deus a um profeta que cuidasse de um varão e que tivesse entendido que, se se perdia, não lhe custaria menos sua perda que a alma. De maneira que, tanto no antigo Testamento como no da lei de graça, não se acham senão motivos de vigilância, cuidado e temor em todos aqueles que se lançaram sobre si o peso duríssimo da salvação alheia. Uma consideração que faz suar sangue ao Filho de Deus, que efeitos não deverá produzir num mero homem, débil, tíbio e acostumado a deixar-se vencer da rebelde concupiscência!

A estas considerações se devem acrescentar outras que fazem o negócio mais árduo e a salvação mais dificultosa. Teus próprios delitos, tua consciência os diz: embora tenhas tido a vileza de ser ingrato a teu Deus e de voltar-lhe ofensas por suas inspirações, com tudo isso, neste mesmo conhecimento tens um recurso para começar a solicitar o perdão. A graça começa suas operações por fazer-te reconhecer teus pecados. Sua mesma gravidade te fará que eleves ao céu tuas preces e que com lágrimas nos olhos solicites piedade e misericórdia. Mas será tão fácil doer-te dos delitos que ignoras e que, por haverem-se cometido por culpa tua, se te pedirá conta e satisfação de todos eles? Será fácil que verta lágrimas pela dissipação de teu filho, pelo trato desonesto de teus criados, pelo tempo mal empregado de tua mulher, quando por descuido e negligência tua nada disto chega a tua notícia?

Não penses que o ser superior é somente recolher aquelas honras e serviços que tributam os inferiores. A submissão de uma esposa amável, mas dissipada; a terna humilhação do filho que chega a beijar-te a mão para sair depois com seus gostos; a servidão com que vivem pendentes de tua vontade criados e criadas te são doces e saborosas quando tua altivez se embriaga com elas, sem refletir que transcendem a mais. Mas, ó Deus, que caras te custarão no dia do juízo suas terríveis consequências! Que amarguras de consciência te esperam nas horas derradeiras da vida, quando trabalhe e se afane o ministro de Deus em sossegar teus remorsos e tu mesmo conheças que se cansa em vão, porque está contra ti a justiça e a razão! Ó Deus misericordioso! Não permitais que chegue minha alma àquelas horas sem haver antes feito uma verdadeira penitência de minhas omissões e haver emendado perfeitamente as ações de minha vida.

Jaculatórias

> *Tribulationes cordis mei multiplicatæ sunt.* Sl 14.

Senhor, olhai que cresceram e se multiplicaram as tribulações que oprimem meu coração.

> *De necessitatibus meis erue me.* Sl 14.

Livrai-me, Senhor, e dai-me vencimento contra todas as necessidades de que me vejo oprimido.

Propósitos

1. Por muito que te afanes em entesourar riquezas para teus filhos, sempre será incerta a sorte de teus afãs e além disso a de sua correspondência e agradecimento. De ordinário com o cadáver se sepulta também a memória do homem, e nada pode avivar sua esperança em ordem à outra vida mais que a misericórdia de Deus e as boas obras. Uma verdade tão autêntica deveria fazer tornar a si os homens e induzi-los a procurar antes deixar a sua família e filhos uma boa educação e um santo exemplo que os bens temporais e transitórios.

Dificultosamente se podem conseguir estes sem oprimir o pobre e aproveitar-se com iniquidade de seu suor e seu trabalho; e procurar o primeiro é uma obrigação indispensável de que há de tomar Deus estreita conta e cujo cumprimento não é tão fácil como se imagina. Que estejas velando, que estejas dormindo, que estejas presente em tua casa, que estejas fora dela, tu és o superior. Tu deves cuidar das obras de todos, pois de todos és responsável. Ao tomar estado lançaste sobre ti um jugo, um peso, uma carga; não te enganes julgando que abraçaste um estado de delícias.

Mas meus criados, meus dependentes, meus mordomos, os mestres que tenho posto a meus filhos não serão bastantes para relevar-me dessas obrigações? Não; de todos esses respectivamente, enquanto são inferiores teus, és responsável. A ti te encarregou Deus suas almas; mas a eles não lhes encarregou diretamente as almas de teus filhos. E, se tu, que és pai, descuidas de teus filhos, parece-te que não se julgarão com mais razão escusados os mestres? Se a ti, a quem te vai a salvação, te fazem as obrigações de superior uma impressão tão ligeira, que efeito hão de produzir em quem só vê uma ocupação venal com que ganha a comodidade da vida? Não nos enganemos: daqui em diante é mister viver de outro modo se pensas viver eternamente feliz. Menos cuidado dos negócios do mundo e mais atenção àqueles de cuja responsabilidade te encarregaste. Que lhe importa ao homem fazer-se senhor de todo o universo se por fim perde sua alma?

[^1]: O texto reconhecido pelo OCR traz “capítulo 13”; a passagem é Colossenses 3,12-16. [^2]: Ez 3.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:57 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:57 by Admin